

TRADUÇÃO E LITERATURA: UMA ANÁLISE DE *MAD MARIA* DE MÁRCIO SOUZA E SUA TRADUÇÃO PARA O INGLÊS POR THOMAS COLCHIE

*Andréia Mendonça dos Santos Lima*¹
*Miguel Nenevé*²

RESUMO

Desde a descoberta das terras brasileiras pelos europeus, a Amazônia tem sido assunto de relatórios, documentos, literatura de viagens e literatura em geral. E a cada vez que alguém a descreve, a partir de seu olhar e de sua cultura, é produzida uma imagem, que muitas vezes é distorcida. Neste caso, podemos afirmar que a Amazônia é traduzida para outros mundos e isso ocorre toda vez que o que se vê é transplantado para outra cultura. Com propósito de analisar a tradução sob esta perspectiva política é que fizemos um estudo comparativo do livro *Mad Maria* nas versões em português e inglês, observando as imagens que foram feitas sobre a Amazônia no ponto de vista do brasileiro Márcio Souza e do tradutor da versão em língua inglesa, o estrangeiro Thomas Colchie. Usamos como referencial teórico as teorias da literatura comparada, do pós-colonialismo e da tradução. Argumentamos que o tradutor, em muitas partes do livro, alterou a tradução de palavras e frases, interferindo na imagem da Amazônia produzida pelo autor.

PALAVRAS- CHAVE: Pós-colonialismo. Amazônia. Tradução.

ABSTRACT

In this study we investigate the translation of Márcio Souza's *Mad Maria* into English achieved by Thomas Colchie. We argue that a translation is a political act and the translator may respect the culture he translates or not. Sometimes translations of a less powerful land or culture done in "The First World" may repeat the discursive web on the Amazon, revealing a colonial view of the region. In Thomas Colchie's translation of *Mad Maria* we see many examples of change of meaning in words and sentences. Our interest is to discuss whether

¹UNIR – Universidade Federal de Rondônia -Departamento de Letras- Porto Velho – RO - 76808-300 – andreimendonsa@hotmail.com

²UNIR- Universidade Federal de Rondônia – Departamento de Letras Estrangeiras- Porto Velho – RO- 76808-300 - neneve@unir.br

these changes may be due to a colonizing attitude of the translator or just another way of saying what the original says.

KEYWORDS: Post-colonial. Translation. Amazon.

1 INTRODUÇÃO

A produção de livros, relatos de viagens, artigos, relatórios sobre a Amazônia, suas características e cultura já vêm sendo feitos há algum tempo. Depois da descoberta do Brasil em 1500, os que nele vieram explorar começaram a relatar tudo o que viam, principalmente, o que era diferente e o que não compreendiam, como por exemplo, o que foi descrito sobre o Brasil e seus habitantes na Carta de Pero Vaz de Caminha a Dom Manoel. O mesmo aconteceu com a Amazônia, a primeira impressão que os colonizadores tiveram foi de espanto com seu tamanho e beleza, assim como enfrentaram um choque cultural com relação aos povos que já viviam aqui, especialmente os indígenas com costumes diferentes dos europeus.

No intuito de levar a imagem da Amazônia ao público, estrangeiros produziram livros como *The Sea and The Jungle* de H. M. Tomlinson, em 1912, e *Amazon Town* de Charles Wagley, em 1976, porém, em seus conteúdos puderam-se perceber visões deturpadas e uma imposição de cultura superior. Desde então, livros que reproduzem os mesmos conceitos sobre a Amazônia repetem velhos conceitos de um mundo selvagem e sem ordem. Obras como *Amazon Watershed* de George Monbiot, publicado em 1991, que projeta a Amazônia como um lugar primitivo, feio, violento e carente de pessoas inteligentes, é um exemplo.

Estas representações da Amazônia devem ser questionadas por estudiosos e pesquisadores sobre a região. Identificar a prática discursiva e as suas implicações no contexto da Amazônia na mídia, na história e literatura e propor novas perspectivas é um projeto atrativo. A literatura, por exemplo, é um meio interessante para questionar estes discursos ao apresentar uma prática contra-discursiva ao que se tem divulgado. Dentre as várias funções da literatura, elegemos a de ser capaz de mudar a maneira de ver o mundo do leitor. Dessa forma, nesta pesquisa pretendemos analisar o livro *Mad Maria* de Márcio Souza, cuja narrativa ocorre no meio da floresta Amazônica e conta a história da construção da ferrovia Madeira-Mamoré. Assim como pretendemos divulgar uma imagem da Amazônia mais próxima da realidade, livre de estereótipos produzidos pelo olhar do outro, pois, é somente com uma postura crítica que podemos lutar contra as múltiplas faces da colonização. Através de um estudo comparativo do livro *Mad Maria* nas versões portuguesa e inglesa, pretendemos analisar as imagens que foram feitas sobre a Amazônia no ponto de vista do brasileiro Márcio Souza e do tradutor, o estrangeiro Thomas Colchie. Estudaremos, sob a perspectiva da teoria pós-colonial, a posição do tradutor e discutiremos se ele manteve a posição político/ideológica do autor ou se ele revelou uma postura colonial em sua tradução para o inglês.

2 LITERATURA COMPARADA, PÓS-COLONIALISMO E TRADUÇÃO

A história da literatura comparada é muito antiga (BRUNEL, PICHOSIS, ROUSSEAU, 1995; NITRINI, 2010) e se confunde com a própria história da literatura. Iniciou-se com a intenção de verificar os méritos de uma obra a partir de sua comparação com outra literatura. No entanto, foi só no século XIX que grandes pensadores e intelectuais começaram a se reunir para discutir sua definição, seu conteúdo e seus objetivos, apesar de ela ter se aperfeiçoado ao longo do tempo.

Desde as discussões iniciais até os dias de hoje, discute-se a definição do que é literatura comparada e a delimitação de seu objeto de estudo, pois seu conteúdo e objetivos mudaram constantemente de acordo com o tempo e espaço, passando por conceitos-chave, como: influência, imitação e originalidade. Ou também, passando pela metodologia da escola francesa e da escola americana, que foram as bases do comparatismo atual. Ou também,

passando por grandes nomes: Jean-Jacques Ampère, Paul Van Tieghem, René Wellek, René Etiemble, entre outros.

Dentre as várias propostas de metodologia e objeto da literatura comparada, o que nos interessa neste trabalho é uma de suas vertentes que teve suas origens na proposta de René Etiemble, já em nosso século, ou mais especificamente na década de 60, que

propõe que a literatura comparada estude os problemas postos pela colonização e descolonização, tais como a influência de uma língua dominante sobre a expressão literária do povo colonizado, e vice-versa, o bilinguismo dos escritores em período de colonização etc. Enfim, em todos os países que sofreram longamente o estatuto colonial, o estudo do bilinguismo nas suas relações com a criação das obras literárias deveria ser colocado na ordem do dia, e não somente do ponto de vista estatístico, psicológico e pedagógico (NITRINI, p. 42-43).

A partir dessa proposta, houve um período de reflexão, surgindo os estudos pós-coloniais, que “constituem uma práxis social, política, econômica e cultural objetivando a resposta e a resistência ao colonialismo” (BONNICI, 2009, p.23). Tais estudos ganharam destaque nos anos 1970 e entraram para a academia com a publicação do livro *Orientalismo* de Edward Said, em 1978. Desde então, a análise de obras literárias com as ferramentas do pós-colonialismo vem ganhando espaço na academia. Após Said, outros grandes teóricos, ocupando posições em universidades importantes do mundo, têm aceitado incorporar em seus estudos o debate sobre colonialismo, descolonização e estratégias para rever conceitos e crenças. Alguns estudiosos importantes que citamos aqui influenciam as discussões acadêmicas: Benita Perry (1983), Gayatri Spivak (1988), Homi Bhabha (1994), Ato Quayson e Jan Mohamed (1990). Porém, essas pessoas que compõem o grupo de estudos pós-coloniais basearam suas teorias em obras publicadas anteriormente à publicação de Said, como as obras de Frantz Fanon (1952) e Albert Memmi (1965). No entanto, foi somente em 1989, com a publicação de *The empire writes back: theories and practice in post colonial literatures*, de Bill Ashcroft, Gareth Griffiths e Helen Tiffin, que o termo ‘pós-colonial’ foi consolidado. Assim, o pós-colonialismo, em geral, envolve:

[...] (1) o debate sobre as ex-colônias e sua denominação versa sobre o arquivo temporal, ou seja, o tempo entre a independência do país e a atualidade, e sobre o arquivo ideológico, ou seja, a influência exercida por uma potência europeia desde o momento da invasão até a atualidade; (2) um novo modo de viver, típico de nossa época, chamado *dwelling-in-travel*. [...] (3) a preocupação em caracterizar as diferentes experiências de diáspora de diferentes comunidades, como a caribenha e africana; (4) o ceticismo referente a demandas locais e particulares (ROBBINS, 1999); (5) um modo de pensar que focaliza o desenraizamento como uma posição de capacitação política e epistemológica (BRENNAN, 1989). (*Ibidem*, p. 22-23)

Dessa forma, quando mencionamos o ‘pós-colonialismo’ estamos nos referindo a uma leitura política que convida o leitor à reflexão sobre a carga do colonialismo. A literatura pós-colonial, como viemos argumentando, é “a literatura produzida por toda cultura influenciada pelo processo imperial a partir do momento da colonização até a contemporaneidade” (*Ibidem*, p.22). Assim, “a crítica pós-colonial permite uma investigação abrangente das relações de poder em múltiplos contextos” (*Ibidem*, p.25), tendo como tópicos de investigação: a formação do império, o impacto da colonização na história da ex-colônia, a economia, a ciência, a cultura, as produções culturais de sociedades colonizadas, o feminismo, autonomia para pessoas marginalizadas, e o estado pós-colonial nos contextos econômicos e culturais contemporâneos, entre outros.

Também, nos debates sobre colonialismo, descolonização e pós-colonialismo relacionou-se a colonização com a tradução. Primeiramente pelo fato de que,

a tradução não acontece em um vácuo, mas em um contínuo; ela não é um ato isolado, é parte de um processo contínuo de transferência intercultural. Além disso, a tradução é uma atividade altamente manipulativa que envolve todos os tipos de estágios nesse processo de transferência através das fronteiras linguísticas e culturais. A tradução não é uma atividade inocente, transparente mas é altamente carregada de significado a cada estágio, raramente, ou nunca, envolve uma relação de igualdade entre textos, autores ou sistemas (BASSNETT, 1999, p.2).³ [Nossa tradução]

Além desse caráter manipulativo, houve o tempo em que a tradução fora vista como inferior, como uma cópia do original, sendo este superior a ela. E essa ideia de superioridade do original coincide com a época da expansão colonial, em que a Europa começou a alcançar outras fronteiras. Nessa expansão e colonização, a língua imposta pelos colonizadores serviu de instrumento de poder, reduziu a língua nativa e a cultura do outro. Por esse motivo, segundo Bassnett e Trivedi (1999, p.3), “o colonialismo e tradução andam de mãos dadas”⁴. Ademais, houve outro pensamento nessa época, a Europa era o grande original, e suas colônias eram as cópias, ou seja, as traduções da Europa (*Ibidem*, p. 4).

³[...] Translation does not happen in a vacuum, but in a continuum; it is not an isolated act, it is part of an ongoing process of intercultural transfer. Moreover, translation is a highly manipulative activity that involves all kinds of stages in that process of transfer across linguistic and cultural boundaries. Translation is not an innocent, transparent activity but is highly charged with significance at every stage; it rarely, if ever, involves a relationship of equality between texts, authors or systems.

⁴ [...] colonialism and translation went hand in hand.

Foi aí, que a estudiosa Susan Bassnett, inglesa de cidadania canadense, começou a pensar a literatura comparada junto com a transculturação e também com a questão da tradução. Em seu livro *Comparative literature*, fez a seguinte observação:

As palavras de abertura de *The Empire Writes Back* (subtitulado: *Theory and Practice in Post-Colonial Literatures*) incluem as seguintes frases: ‘o termo “pós-colonial”... é mais apropriado como o termo para a nova crítica transcultural que emergiu nos últimos anos e para o discurso do qual se constituiu.’ O que é isso senão a literatura comparada sob outro nome?⁵ (BASSNETT, 1993, p.9-10)

Frente a essa conclusão de Susan Bassnett, percebemos que a literatura comparada e os estudos pós-coloniais estão intimamente ligados. E não diferentemente de outros estudiosos que tentaram definir a literatura comparada, a comparatista dá a sua contribuição, dizendo: “A resposta mais simples é que a literatura comparada envolve o estudo de textos através de culturas, que é interdisciplinar e que se preocupa com padrões de conexão em literaturas através do tempo e do espaço”⁶ (BASSNETT, 1993, p.1).

Ainda, no mesmo livro, Bassnett e Lefevere (1993, p.151) afirmam que nenhum estudo de literatura comparada pode ocorrer sem levar em conta a tradução, pois ela tem sido uma força primordial no desenvolvimento da cultura mundial. Além disso, “a teoria pós-colonial está preocupada com a análise das consequências do colonialismo; está preocupada com a reconstrução e reavaliação, o qual necessariamente envolve o processo de tradução” (BASSNETT, 1983, p.153). Nisso, percebemos outro ponto importante dos estudos pós-coloniais e da literatura comparada, ambos necessitam da tradução como instrumento de trabalho.

Vale ressaltar que quando esses dois estudiosos fizeram tal observação, no final da década de 1980, os estudos da tradução já haviam se tornado uma disciplina e já havia surgido a tradução com o enfoque na cultura, isto é, a tradução cultural. A qual, numa perspectiva pós-colonialista, leva uma pesquisa à reflexão sobre as formas de pensar de um povo colonizado. Consoante Klondy Lúcia de Oliveira Agra em seu trabalho “A tradução

⁵ The opening statements of *The Empire Writes Back* (subtitled: *Theory and Practice in Post-Colonial Literatures*) include the following phrases: ‘the term “post-colonial”... is most appropriate as the term for the new cross-cultural criticism which has emerged in recent years and for the discourse through which this is constituted.’ What is this but comparative literature under another name?

⁶ The simplest answer is that comparative literature involves the study of texts across cultures, that it is interdisciplinar and that it is concerned with patterns of connection in literatures across both time and space.

intercultural: a integração da língua e da cultura no processo de tradução” (2009, p.231), o tradutor, nessa perspectiva, deve levar em conta em sua tarefa

os fatores que influem na leitura e na interpretação do cenário. Buscando por fatores que influem no julgamento e posições na hierarquia literária que envolve o colonizador e o colonizado, observando pontos na obra original e na tradução, a fim de, com conhecimento de causa, possa apontar pontos obscuros ou enganosos na leitura e interpretação do cenário pelo autor e, processando o entre espaço, fazendo o que podemos chamar de “varredura”, para uma correta análise.

Outro aspecto da tradução cultural é a forte similaridade que há entre a prática da tradução literária e a produção textual, visto que as duas se preocupam em transmitir elementos de uma cultura para a outra (*Ibidem*, p.13). Porém há diferenças entre ambas, como enfatiza Tymoczko (1999, p.20),

As diferenças significantes entre tradução literária e literatura pós-colonial são óbvias e deveriam ser tratadas desde o início. A diferença principal é que, ao contrário dos tradutores, escritores pós-coloniais não estão transpondo um texto. Como formação para seus trabalhos literários, eles estão transpondo uma cultura – a ser entendida como língua, um sistema cognitivo, uma literatura (composta de um sistema de textos, gêneros, tipos de conto, e assim por diante), uma cultura material, um sistema social e estrutura legal, uma história, e assim por diante”.⁷
[Nossa tradução]

Dessa forma, ao transpor um texto e uma cultura, o tradutor deve ter consciência e responsabilidade no seu trabalho ao entrecruzar a tradução linguística e a cultural. Deve levar em conta a dinâmica da cultura que misturou o olhar do autor com o olhar do tradutor, que veio de outra cultura baseada na suposta supremacia do colonizador.

3 A AMAZÔNIA DE MÁRCIO SOUZA E SUA TRADUÇÃO

Através da observação da história da região Amazônica e de sua colonização, percebemos, na literatura em geral, que muitas pessoas de áreas distintas já descreveram a Amazônia, tendo como resultado uma visão da Amazônia numa perspectiva da dialética: sociedade e natureza, que de acordo com Loureiro (2001, p.8),

⁷Significant differences between literary translation and post-colonial literature are obvious and should be addressed from the outset. The primary difference is that, unlike translators, post-colonial writers are not transposing a text. As background to their literary works, they are transposing a culture – to be understood as a language, a cognitive system, a literature (comprised of a system of texts, genres, tale types, and so on), a material culture, a social system and legal framework, a history, and so forth.

A Amazônia está no imaginário de todo o mundo, como a vastidão das águas, matas e ares; o emblema primordial da vida vegetal, animal e humana; o emaranhado de lutas entre o nativo e o conquistador; o colonialismo, o imperialismo e o globalismo; o nativismo e nacionalismo; a idéia de um país imaginário; o paraíso perdido; o eldorado escondido; a realidade prosaica, promissora, brutal; uma interrogação perdida em uma floresta de mitos.

Com base nessa visão que está no imaginário das pessoas, muitos livros de estilos diferentes que abordam esse tema, Amazônia, foram escritos e divulgados no Brasil e no exterior. Assim, Márcio Souza em seu romance histórico *Mad Maria* coloca como cenário a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, construída no coração da floresta Amazônica e conta, em forma de ficção, as desventuras dos homens que trabalharam na etapa final da construção dessa ferrovia, entre os anos de 1907 a 1912. Nessa narrativa, as personagens se deparam com uma realidade inesperada, como um clima tropical, uma vida em meio à floresta, doenças desconhecidas, entre outros. E, por trás dessa situação, Márcio Souza denuncia as dificuldades e a situação precária dos trabalhadores, tendo suas vidas desvalorizadas pelo baixo salário, péssimas condições de trabalho e até momentos de violência. Tal situação pode ser exemplificada quando muitas das personagens, forçadas a viver naquele ambiente e muitas vezes regidas pelo instinto de sobrevivência, chegaram a níveis altos de insanidade.

Ainda com relação às personagens, o autor alterna na narrativa a saga dos personagens fictícios com a trama vivida por personagens reais como o empresário norte-americano Percival Farquhar, proprietário da Madeira-Mamoré Railway Company e de diversas concessões públicas no Brasil, entre portos, ferrovias e companhias elétricas. Essa trama envolve, além de Farquhar, as altas esferas do poder público, incluindo o então ministro de Viações e Obras e futuro governador da Bahia, J. J. Seabra.

Dessa maneira, Márcio Souza, através da obra *Mad Maria*, resgata um trágico episódio da história rondoniense e denuncia o selvagerismo do capitalismo que por meio do capital estrangeiro tentou rasgar a selva com o progresso dos trilhos à custa de milhares de vidas.

É diante desse cenário da formação da história rondoniense, ou mais especificamente, o surgimento da cidade de Porto Velho, que percebemos a importância de um estudo mais detalhado e de uma leitura crítica sobre qual é a visão que as pessoas têm sobre esse lugar, visto que é fato que houve uma colonização e em seus entremeios houve um discurso colonizador. Sendo assim, considerando a literatura um instrumento de propagação de ideias, a tradução um instrumento usado pelo colonizador, e o leitor, ao fazer sua leitura, pode

perceber várias vozes provindas de diversos locais e classes sociais diferentes, é que pretendemos investigar neste trabalho como foi produzida a imagem desta parte da região Amazônica no livro *Mad Maria*, na versão portuguesa, bem como verificar de que maneira a mesma foi traduzida por Thomas Colchie e conduzida ao seu público leitor. Pois é importante que o povo da região Amazônica reconheça sua própria cultura e lute contra o que o colonialismo deturpou, impôs ou retirou, como: a identidade, a história, a cultura e a língua do povo.

Para atingir tal objetivo, usaremos o método comparativo, onde faremos um contraste entre a versão em língua portuguesa de Márcio Souza e a versão em língua inglesa de Thomas Colchie. Para isso, faremos recortes específicos das duas obras, selecionando somente os aspectos que dizem respeito à Amazônia geográfica e climática. Verificaremos nesses trechos como Márcio Souza transmitiu a imagem da Amazônia e como Thomas Colchie a traduziu, ou seja, verificaremos se ele fez uma tradução que manteve a posição político/ideológica do autor.

4 ANÁLISE PÓS-COLONIAL DA TRADUÇÃO DE *MAD MARIA* PARA A LÍNGUA INGLESA

Márcio Souza, no início do romance, refere-se ao local “Amazônia”, descrito na narrativa, usando o termo “aquela terra”: “[...] mas **para aquela terra** a imaginação humana parecia ter destinado um conjunto tão vasto de perigos e ameaças [...]”⁸ (p.12). Depois, refere-se ao lugar, usando o advérbio de lugar - ali: “[...] O que tinha até então sido horror para Finnegan, **ali** não passava de uma tímida e ligeira calamidade quase indolor” (p.12). Já, o tradutor Thomas Colchie preferiu, nesta parte da tradução, não usar termos equivalentes, isto é, uma tradução literal: “naquela terra (in that land)” ou “ali (there) ou “aqui (here)”. Usou expressões que poderiam ser consideradas sinônimas, expressões que traduziriam a mesma situação: “Para aquela terra” usou “in this part of the world (nesta parte do mundo)” e para “ali” usou “such a place (tal lugar)”.

Porém, sua tradução somente é feita desta maneira, sem mudar o sentido, na tradução da primeira palavra referida, pois desde o uso do segundo termo, que se refere ao local da narrativa, sua tradução começa a mudar o tom semântico, podendo ser visto nos seguintes trechos: “[...] ele julgara ser o móvel principal de todos os que chegavam **ali**.” (p.12) e sua

⁸ Todas as palavras em negrito são nossos grifos.

tradução: “[...] he had judged to be the principal motive of all those who would come to **such a place.**” (p.4). Ou, “[...] e não sabia se tinha sido realmente trouxe em aceitar o trabalho **ali.**” (p.13), pela tradução: “[...] he had not been bamboozled into accepting employment in such an **ungodly place.**” (p.4). Como pode ser observado no primeiro exemplo, o advérbio “ali” é traduzido como “in such place (em tal lugar)”. Em seguida, “ali” é traduzido como “ungodly place (um lugar sem Deus)”. A partir daí, o tradutor dá a impressão de referir-se ao local com um tom minimizador através de “tal lugar”, pois “tal” é um pronome demonstrativo e pode ser usado como uma conotação pejorativa e desdenhosa, segundo a definição de Houaiss (2004, p.705). E isso se confirma na tradução da próxima expressão, em que não traduziu o advérbio “ali” com um termo equivalente, usou o termo “place (lugar)” novamente e ainda acrescentou um adjetivo “ungodly (sem Deus)”, que mudou a imagem do local percebido pelo leitor.

No entanto, o tradutor não para por aí. Quando os horrores começam a ocorrer na narrativa, o autor usa alguns termos mais fortes para provocar no leitor uma imagem do que realmente aconteceu na construção daquela estrada de ferro. Márcio Souza usa: “A vida fervilhava de maneira promíscua e os homens enlouqueciam naquele **cenário cenozóico**” (p. 21) e “[...] **aqui** todos viramos bárbaros, [...]” (p.29). Thomas Colchie opta por: “Life teemed, promiscuously so, while human being went mad in that **Cenozoic inferno**”(p.12) e “[...] We’ll all be barbarians sooner or later in this **stinking hell**, [...]” (p.18). Como podemos perceber, Colchie continua a mudar o sentido dado pelo autor, traduz “cenário” por “inferno” e “aqui” por “inferno fedorento”.

Dessa forma, notamos, realmente, que ele não teve a intenção de traduzir a obra de Márcio Souza de maneira que o público leitor pudesse receber a verdadeira mensagem do autor. Ele faz como muitos outros que passaram pela Amazônia, ou seja, tradu-la com uma imagem distorcida e minimizada. Pois, a pessoa ao ler a versão em língua inglesa não terá a impressão de uma história em que o espaço é uma floresta tropical com características próprias e sim, terá a visão que a floresta Amazônica é um lugar sem valor ou, como o próprio tradutor descreveu, um inferno.

Além dessa mudança de imagem nessas traduções, outras vezes na narrativa aparecem as expressões “aqui” e “selva”. E mais uma vez, Colchie usa a palavra “jungle (selva)” para se referir a “aqui” e “rotten jungle (selva podre)” para “selva”, dando-nos a impressão que ele sempre quer lembrar seus leitores ou enfatizar que aquele fato ou parte da história está acontecendo numa selva, em um lugar que não é seu país, em um lugar diferente, em um lugar visto pelo olhar do outro.

Com relação ao clima, Márcio Souza faz uma descrição real e forte, usando termos como: “entranhava fortemente”, “ambiente de sauna doentia”, porém, uma imagem dos aspectos peculiares acerca do clima da floresta Amazônica. E nessas expressões, percebemos que o tradutor teve uma atitude diferente. Traduziu usando termos equivalentes, manteve a ideia do texto original e usou os seguintes termos: “wholly permeated”, “sickly sauna”, sem fazer alterações ou sem usar expressões que mudassem o significado dessa imagem. Isso pode ser visto nos trechos abaixo:

Todas as manhãs o **calor** era obrigado a lutar contra uma umidade **que se entranhava fortemente** em todas as coisas, que às vezes congelava os ossos na madrugada, machucava as articulações do corpo como as pancadas machucariam um lutador desastrado. Mesmo sabendo que o calor acabaria vencendo, Finnegan estava inteiramente vestido, parecia não se importar com o **ambiente de sauna doentia** que predominaria em sua rotina diária, entre as onze da manhã até às três da tarde. (SOUZA, 2002, p.13)

Every morning the same heat was obliged to overpower the humidity **that wholly permeated** everything and that sometimes in the early morning hours pierced the very narrow, hammering the joints with the remorseless precision of a professional boxer as he pounds away at his artless contender. Despite the knowledge that the heat would ultimately prevail, Finnegan was totally covered. He looked to be completely impervious to the **aura of sickly sauna** that pervaded his daily routine – one that habitually ran from eleven in the morning to three in the afternoon. (COLCHIE, 1985, p.5)

Outrora, em outros trechos o tradutor usa novamente adjetivos que modificam o sentido do texto e faz com que o leitor crie uma imagem diferente da transmitida na versão em língua portuguesa. São exemplos disso: “[...] embora o **calor fosse forte**” (p. 18), por “[...] though in point of fact the **heat was infernal**” (p.9). E “O sol estava realmente **terrível**” (p.25), por “They stepped out into the **intolerable** sunlight” (p.15). Observamos nessas frases que Colchie usou o termo “heat was infernal (calor fosse infernal)” para traduzir “calor fosse forte” e o termo “intolerable (intolerável)” para traduzir “terrível”. E diante de uma reflexão de significado de palavras, “infernal”, segundo o dicionário Houaiss (2003, p.415), se usado no sentido figurado, significa “tormento, suplício”. Num sentido implícito, pode-se inferir que “infernal” vem de “inferno”. Ainda, conforme o dicionário Macmillan (2002), a palavra “infernal” é usada para enfatizar o quão desagradável e irritante alguma coisa é. Com isso, vemos que o tradutor está transmitindo uma ideia deturpada do calor Amazônico, pois da forma como procedeu, o leitor de outra cultura pensará que além do clima ser quente, é insuportável, desagradável, ao ponto de ser indesejado.

Aspectos relacionados a uma Amazônia física e geográfica aparecem no texto também. Ao descrever os locais encontrados naquela floresta, o tradutor não faz alteração

alguma, traduz da mesma maneira que o autor escreveu: “[...] trilhos pelo terreno alagado do **Abunã**” (p. 46), por “[...] railroad across the swampy morass of the **Abunã**” (p.34). Ou, “[...] aventuravam até **Santo Antônio**” (p. 108), por “[...] drifted into **Santo Antônio**” (p. 88).

Já, com relação às forças da natureza, ou seja, a chuva, a correnteza dos rios, o tradutor novamente, descreve acrescentando adjetivos. Por “correnteza que descia com força fantástica” é usado “**the vertiginous power** of those Waters? (a força vertiginosa daquelas águas)”. Por “as chuvas caíam rápidas”, é usado “the rains **came with a vengeance** (as chuvas vinham com vingança)”. Isso transmite uma imagem de uma natureza má, de uma natureza que não tem nada de belo, e sim, de vingativa, poderosa num sentido maléfico.

E para finalizarmos esta análise, aqui está mais um exemplo significativo: “[...] como se a natureza agisse impulsionada por **forças anárquicas**” (p.106) e sua tradução, “[...] as if nature herself were impelled by **satanical forces**” (p.85).

Nesse trecho, Colchie traduz “forças anárquicas” por “forças satânicas”. Porém, quando Márcio Souza se refere à natureza regida por forças anárquicas, quer dizer forças superiores, forças divinas. Mas, da maneira que o tradutor traduz a expressão “forças anárquicas” por “forças satânicas”, subentende-se que a floresta Amazônica e a sua natureza são regidas pelo diabo, por Satã. E isso pode ser afirmado porque ocorreu várias vezes em sua tradução o uso dos termos “inferno e infernal”, sem o texto original os ter mencionado.

Vale ressaltar que as análises feitas neste trabalho foram apenas de ordem semântica. No entanto, se observada a tradução em inglês, análises de ordem estrutural também poderiam ser feitas. Outro detalhe importante, é que todos aqueles termos: “infernal”, “tal lugar” e “sem Deus” foram citados nas primeiras páginas da história. Dessa maneira, o tradutor provocou na maior parte das vezes um aumento da intensidade de sentido, que influenciará no impacto que o leitor terá ao iniciar a leitura do texto. No qual há uma descrição da região Amazônica de forma estereotipada e exagerada, se comparado ao que foi escrito na versão em língua portuguesa.

4 CONCLUSÃO

Nesta análise, pudemos perceber que o tradutor em alguns momentos fez uma tradução literal, ao passo que, quando havia termos equivalentes na língua inglesa para fazer a tradução, Thomas Colchie optou pela troca de termos. Porém, essa troca de palavras não

manteve o sentido do texto em língua portuguesa, modificando o significado da mensagem final pretendida por Márcio Souza: a de resgatar parte da história da Amazônia, com seus pontos positivos e negativos. Além dessa troca de termos, o tradutor acrescentou palavras em sua tradução, situação esta que permite dizer que Colchie traduziu de acordo com seus interesses, levando ao seu público leitor uma imagem distorcida da realidade Amazônica.

E sob um enfoque da teoria pós-colonialista, Thomas Colchie, o tradutor, não manteve a posição descolonizadora de Márcio Souza, isto é, de mostrar o que realmente aconteceu na construção daquela ferrovia sem esconder os seus detalhes mais sórdidos, levando o leitor a refletir sobre aspectos não contados pela história. A atitude que Colchie teve, foi a de impor a sua imagem produzida a partir do olhar de sua cultura, ou seja, um olhar que há muito tempo fora levado pelos estrangeiros que passaram pela Amazônia e que a viram como local primitivo, selvagem, exótico, de desordem, de clima insuportável, entre outros. Ele impôs o seu pensamento de superioridade cultural, mudando o sentido do texto original de Márcio Souza e conseqüentemente, ao final, mudando a postura político/ideológica do autor.

REFERÊNCIAS

BASSNET, Susan. **Comparative Literature: A critical Introduction**. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1993.

_____. **Translations Studies**. 3rd ed. Routledge: London and New York, 2002.

BASSNETT, Susan; TRIVEDI, Harish. **Post-Colonial Translation**. Routledge: London and New York, 1999.

BONNICI, Thomas. (Org.) **Resistência e intervenção nas literaturas pós-coloniais**. Maringá: Eduem, 2009.

BRUNEL, P.; PICHOS, CL.; ROUSSEAU, A.M. 1^a ed. **Que é Literatura Comparada?** São Paulo: Perspectiva S.A, 1995.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. M.. **Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 2 ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Moderna, 2004.

KLONDY, Lúcia de Oliveira Agra. **A tradução intercultural: a interação da língua e da cultura no processo de tradução**. In: NENEVÉ, Miguel; MARTINS, Graça. (Org.) **Fronteiras da Tradução: Cultura, Identidade e Linguagem**. São Paulo: Terceira Margem, 2009. p.217-234.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Obras reunidas: cultura amazônica: uma poética do imaginário.** Escrituras: São Paulo, 2001.

Macmillan English Dictionary: For Advanced Learners of American English. Oxford: Macmillan Education, 2002.

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada:** História, teoria e crítica. 3 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

SOUZA, Márcio. **Mad Maria.** Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____. **Mad Maria.** Trad. Thomas Colchie. Ontário: Avon Books, 1985.

TYMOCZKO, Maria. **Post-colonial writing and literary translation.** In: BASSNETT, Susan; TRIVEDI, Harish. Post-Colonial Translation. Routledge: London and New York, 1999.